

# O Garoto Oblíquo

**(Júlio B.)**

Tente ser verdadeiro consigo o tempo todo. Experimente! Dentro de pouco tempo a loucura já o terá vencido. Vivemos grande parte de nossas vidas em função de obrigações, deveres, imposições, responsabilidades, tendências externas a nós, e apenas uma pequena parte pelo que realmente queremos de nós. Quem, aos quatro ou cinco anos de idade, escolheu ir pra escola? Quem prefere trabalhar a fazer uma viagem ao lugar dos seus sonhos?

Aos seis anos, um garoto oblíquo e brilhante, ofuscado e sonhador, achou seu colega de pré-escolar bonito. Ele não sabia lidar com essas coisas. Pra ele, era natural. Então, comentou com sua mãe a sua opinião. Ela, uma pessoa boa, preconceituosa e acomodada, mas de um coração bom, apenas disse ao filho que ele não podia achar meninos bonitos. Disse que ele deveria achar as meninas bonitas, e citou cinco ou seis garotas para o filho.

Aquele foi o primeiro contato do garoto oblíquo com sexualidade. Pelos próximos três ou quatro anos, o garoto nem voltou a falar a respeito daquilo. Aprendera que externar sua opinião podia causar-lhe represálias. Era simples. Achava garotos bonitos e não dizia para ninguém.

Mas ele não se interessava por muita gente. Desde muito cedo, era exigente e complicado. De todos os garotos que conheceu por aqueles anos de supressão, dois ou três lhe chamaram a atenção.

Teve um que ele só encontrava nas férias. Era um garoto de uma cidade mais ou menos vizinha, que sempre passava as férias na casa dos avós. Sempre que o garoto oblíquo o via, sentia algo mais forte bater em seu peito e fazia de tudo para se aproximar do tal garoto. Geralmente,

acabavam jogando futebol juntos. Mas nenhum jogava bem. E aquele garoto turista era muito esporádico, e nem era tão bonito assim.

Teve o filho da médica da cidade. A mãe do garoto oblíquo gostava da amizade dos seus filhos com os filhos da médica. Ela dizia que os filhos da médica eram garotos educados. Educados! Educados, no sentido de ricos, ele pensava. O garoto oblíquo conhecia bem o filho da médica, um garoto que gostava de cuspir nos pára-brisas dos carros e, que acima de tudo, gostava de comer meleca de nariz. Mas, mesmo assim, o garoto oblíquo o achava bonito, pelo menos esteticamente.

Mas o filho da médica tinha algo que verdadeiramente interessava ao garoto oblíquo: um melhor amigo, que será ainda muito importante nessa narrativa, mas por enquanto vou ficar apenas com o contexto acerca dele. Seus pais eram amigos dos pais do garoto oblíquo. Logo, eles se encontravam com alguma frequência. Ele tinha uma irmã, de quem o garoto oblíquo se tornou amigo.

Mas essa foi uma fase de adoração cega. Cega e guardada para si. O garoto oblíquo não se preocupava muito com assuntos sexuais. Na verdade, nem sabia que eles existiam. Em sua cabeça ainda ecoavam as palavras da mãe. E ele já tinha problemas demais para resolver. Nesses três ou quatro anos que seguiram a retaliação da mãe, chegou a entrar em depressão profunda. De medo da morte. Não queria morrer, mas tinha plena de consciência de acabaria morrendo, de um jeito ou de outro. Isso era um fardo pesado para um garoto trancado em seu próprio oblíquo mundo. Ele perdeu a vontade de comer, de estudar, de se relacionar, até de assistir à TV. Não queria mais nada. Do que adiantaria aquilo tudo se morreria de qualquer modo?

Desde o incidente em que comentou sobre a beleza do colega, ele nunca mais revelou seu mundo, suas idéias, seus pensamentos. Mas na pior fase da depressão, ele contou alguma coisa aos seus pais, sobre seu medo da morte, mas sua mãe apenas respondeu: “deixe de ser bobo, menino!”.

Ele teve de superar sua depressão sozinho. Não é fácil para um garoto de nove ou dez anos convencer a si mesmo a viver, esquecendo a inexorabilidade da morte, mas ele o fez. Olha que eu conheço pessoas que, mesmo adultas, não conseguem se livrar desse tormento.

Aos doze anos, o garoto oblíquo viu seu irmão mais velho se mudar para outra cidade, para continuar os estudos. Na verdade, isso não teve muita importância para ele, exceto pela distância e a pouca convivência torná-los mais amigos. O que teve importância nisso tudo foi a atitude do detestável melhor amigo do irmão do garoto oblíquo.

Esse garoto detestável era um garoto muito esperto (porém, em decadência autodestrutiva, se afundando cada dia mais em sua estupidez). Ele era amigo de um irmão e inimigo do outro. Sim, inimigo do garoto oblíquo. Sempre implicava com ele. Não, o garoto oblíquo não era santo! Mas com certeza era menos perverso que o garoto detestável.

Poucos dias depois do irmão se mudar, o garoto oblíquo levou uma cantada do garoto detestável. Ele já havia sido cantado algumas vezes por garotas. Recebia até cartas de amor. Às vezes, respondia, mas sem sinceridade, só pelo prazer de escrever. Jamais se imaginou com uma garota daquelas.

Mas ao ser cantado por seu arqui-inimigo, o garoto oblíquo sentiu-se surpreendidamente bem. Sentiu que seu corpo queria aceitar a proposta feita a ele. Talvez o garoto oblíquo já tivesse achado o garoto detestável interessante antes, mas como ele era detestável, o encanto se quebrava. Mas, agora, com uma abordagem mais íntima, a beleza ofuscada aparecia. Sim, ele era bonito.

Eles se relacionaram por algum tempo, entre desejos e implicâncias, entre sexo e abstinência, entre orgulho e egoísmo, mas sem nenhum romance. Nunca sequer se beijaram. Era apenas sexo, e quando era. Mas por imposição do garoto detestável. O garoto oblíquo era do tipo passional, e desejava intensamente um beijo na boca (nunca havia beijado na vida), mas esse desejo nunca era consentido. Por várias vezes, tentou forçar um

beijo, mas era mais fraco. O garoto detestável era muito machista (esse era o principal fator de aceleração da sua decadência). O garoto oblíquo nunca teve espaço para lhe dizer um gracejo romântico, pra lhe dizer o quanto gostava dele.

Eles se relacionaram dessa forma por cerca de dois anos. Aos quatorze, o garoto oblíquo se mudou para junto do irmão mais velho. Agora já eram bem amigos, coisa que nunca foram na infância. O garoto oblíquo estava fascinado pela idéia de morar longe dos pais. Várias idéias lhe passavam pela cabeça. Várias possibilidades se abriam.

Junto com o garoto oblíquo, mudou-se também um garoto arrogante. Eles moravam juntos, passavam todas as tardes sozinhos, o arrogante era bonito, o oblíquo estava saindo de um relacionamento frio e frustrante. Isso parecia levar a uma conclusão óbvia.

O garoto oblíquo resolveu tentar. Mas primeiros contatos nunca foram seu ponto forte. Começou com dois pés esquerdos. O outro garoto, além de arrogante, era extremamente preconceituoso, quase fascista.

O garoto oblíquo usou mais alguns artifícios até conseguir certo grau de intimidade, mas nem sequer conseguiu sexo. Não chegou nem a gostar do garoto arrogante. E nunca teve vontade de dizer a ele que o achava interessante. Acabaram se odiando, numa guerra cotidiana que chegou ao cúmulo do mais forte, o arrogante, agredir várias vezes o mais fraco.

Isso durou até o garoto oblíquo beirar os dezesseis. Nas férias desse ano, no retorno à sua cidade, ele reencontrou o melhor amigo do filho da médica, lembra? Ainda era amigo da irmã dele. Começaram a ir juntos ao clube, e aquilo foi se estendendo. Depois das férias, havia os feriados, os finais de semana.

O garoto oblíquo gostava de sair com eles mais do que qualquer outra coisa. E não sabia bem o porquê, só gostava. Até que finalmente percebeu-se completa e perdidamente apaixonado pelo garoto inocente, o irmão da sua amiga. O garoto inocente possuía um encanto indecifrável e

apaixonante. Tanto era que conseguiu fisgar completamente a obliquidade do garoto oblíquo. Era tão lindo!

Mas foi só no dia do seu aniversário de dezesseis anos que o garoto oblíquo percebeu que aquilo já tinha caminhado para outros lados que ele não podia controlar, que havia se tornado o melhor amigo do garoto por quem era apaixonado. Isso o confundia. Era muito prazeroso por um lado, mas torturante por outro.

O garoto oblíquo não sabia o que fazer. Jamais lhe passou pela cabeça ter coragem de dizer ao amigo inocente o quanto o desejava. Cogitou mais a possibilidade de afastar-se dele, mas não conseguia colocar em prática. Como eu disse, ele estava perdidamente apaixonado. Não tinha volta. Era dependência química, psíquica, afetiva.

O garoto oblíquo, oblíquo como sempre, decidiu, então, dedicar-se ao extremo àquela amizade com o garoto inocente, e ver até onde ia chegar. Assim ele fez. Dia após dia, ele se aproximava mais de tudo que cercava o seu “primeiro-amor”. Aproximava-se da irmã dele, dos amigos dele, da namoradinha dele. É, o garoto inocente tinha uma namoradinha. Ela era uma menina muito precoce e muita gente não gostava dela por isso, o que só facilitou a amizade entre ela e o garoto oblíquo.

Tornou-se também o melhor amigo da irmã do garoto inocente. Ela era tão legal. A sociedade em volta, com sua carece, achava que eles, oblíquo e irmã, estavam namorando. Mas não deixava de ser um triângulo bizarro, oblíquo. Não era difícil perceber que a garota legal era apaixonada pelo garoto oblíquo, e muita gente já havia percebido. Também não era difícil perceber que o garoto oblíquo era apaixonado pelo garoto inocente, mas ninguém ao redor deles percebia, pois é mais difícil cogitar a idéia de uma relação homossexual. E, para completar o triângulo, o garoto inocente, que, no fim das contas, dava mais atenção para os amigos do que para a namoradinha.

Mas havia outras árduas disputas por atenção que o garoto oblíquo teve de enfrentar. O garoto inocente tinha outros dois melhores amigos.

Um era o filho da médica, o outro era um primo do inocente que o oblíquo nunca engoliu.

Mas o garoto oblíquo possuía alguns artifícios pra usar em seu favor, mesmo não morando na mesma cidade. Dos três pretendentes a melhor amigo, ele era o mais dedicado. E esperto. Sabia ser fascinante para conquistar sua paixão. Sabia ser o que o garoto inocente queria encontrar em um amigo. Sabia ser cativante, até mesmo quando precisava fingir. Sabia como conquistar todos ao redor. Como lhe disse uma senhora uma vez, ele sabia chegar terra ao pé da planta, para ela crescer mais forte.

Nas férias perto dos dezessete anos, o garoto oblíquo ficou muito feliz por achar que poderia passar mais tempo com o seu grande amor, mas qual foi sua tristeza ao ver o garoto inocente ir passar as férias na fazenda de parentes, com o primo.

Mas, no último dia das férias, quando o garoto inocente voltou para a cidade, a primeira coisa que fez foi ir à casa do amigo, o garoto oblíquo, que foi acordado pelas suaves mãos de quem amava. Foi um momento mágico do qual se lembraria pra sempre. Poucas vezes, ele teve isso na vida.

O garoto oblíquo era uma pessoa sofrida, acostumado a proibições e sofrimentos. Trazia muita responsabilidade em suas costas. Ele tinha de dar certo, ele tinha de ser forte. Mas raramente se abatia por isso. Aprendera desde cedo a ser seu psicólogo particular.

E o final daquelas férias ainda traria mais um ingrediente para apimentar as circunstâncias. Os pais do garoto inocente queriam mandar a irmã e ele pra estudarem fora. E por que não na cidade onde ele morava, pensou o garoto oblíquo? Esta passou a ser a sua batalha vital. E batalhou muito. Mas, por fim, a decisão dos pais deles foi uma outra cidade.

O garoto oblíquo já não sabia mais o que fazer. Já via tão pouco o seu amor. Só finais de semana e feriado. Agora, nem isso mais teria. Não tinha mais em que se agarrar. Nem a valiosa ajuda da amiga legal havia adiantado.

No dia das matrículas no colégio do garoto oblíquo veio a notícia: os pais do garoto inocente mudaram de idéia. Eles mandariam os filhos para a mesma cidade do garoto oblíquo. Suas preces tinham sido atendidas, mesmo que o deus que lhe ensinaram na catequese afirmasse que a homossexualidade era um pecado.

O garoto oblíquo usava um cordão no pescoço e havia prometido não tirá-lo até o dia em que o garoto inocente se mudasse para sua cidade. O dia chegou e, ao som da Legião Urbana, tirou o cordão e o colocou no pescoço do garoto inocente. Ah, quão inocente ele era. Eles eram!

Na mesma cidade, a amizade se tornava cada vez mais íntima. Começavam a existir vários contatos físicos, ainda não sexuais, mas não muito comuns para amigos. Um belo dia, o garoto inocente apoiou uma parte inquestionável do seu corpo em uma parte inquestionável do corpo do garoto oblíquo. Não havia como ser outra coisa. Ele também queria alguma coisa. Naquela noite, o garoto oblíquo não se agüentou de excitação.

Ele não voltou pra sua casa, ficou para dormir na casa do amigo. Dormiram no mesmo quarto os dois e a irmã legal. De noite, não suportando mais seus pensamentos, o garoto oblíquo desceu da cama e foi para o colchão que estava no chão, onde dormia o garoto inocente.

A intenção do garoto oblíquo era simples: se aproveitar do garoto que estava dormindo e tocar seus lábios, quase como um beijo. Ele o fez. Qual foi a sua surpresa ao ser correspondido. Era o primeiro beijo na boca que dava na vida! E na pessoa que amava, que amou em silêncio por anos. Era radiante e parecia que sempre havia mais profundidade na delícia do beijo entre eles.

O garoto oblíquo estava meio assustado com tudo aquilo, mas nada se compara ao que ele sentiu quando o malicioso garoto inocente levou a mão em um lugar onde a excitação supera o controle da mente.

Mas tiveram de se controlar naquela noite, afinal, a irmã legal também estava no quarto. O garoto oblíquo voltou para cama e dormiu poucas horas de sono, porém as únicas horas felizes de toda a sua vida.

No outro dia, acordou feliz. Não sabia como era felicidade, mas estava gostando. Foi para a escola. Sua cabeça estava em um lugar onde poucas vezes voltou a estar. Aquela manhã foi de grande satisfação. Ele planejou várias coisas que gostaria de fazer ao lado do seu amor. Planejou dizer várias coisas a ele. Pensou em como o faria o garoto mais feliz do mundo.

Pobre sonhador e oblíquo garoto. Veio a tarde. A irmã legal havia percebido o que havia acontecido à noite e dificultou as coisas entre os dois. Mas isso jamais seria empecilho para a obliquidade do garoto que até então gozava a felicidade. Ele a driblou e conseguiu ficar a sós com seu amado.

Aí sim ele teve sua primeira grande desilusão. Nada era como ele imaginara na única manhã feliz que tivera em sua vida. O garoto inocente não parecia querer mais continuar o que havia começado a noite. Com um pouco de persuasão, o garoto oblíquo conseguiu algumas migalhas: sexo, beijos e outras carícias, mas nunca o sentimento.

Aquela situação se estendeu por mais algumas semanas. O garoto inocente queria pular fora, o desesperado garoto oblíquo forçava a barra o quanto conseguia para poder continuar a relação. Humilhava-se, implorava, rastejava. Não sabia o que faria sem o garoto inocente.

A coisa se arrastou por mais um tempo assim, mas nada parecido com o que o garoto oblíquo havia sonhado. Não havia conversas, nem carinho, nem declarações de amor. Havia hesitação por parte do garoto inocente. O garoto oblíquo se desesperava profundamente cada vez que sentia que fatalmente perderia seu grande amor.

Mau perdedor, o atordoado garoto oblíquo aproveitou da inocência do outro garoto e o chantageou de forma a forçá-lo a continuar a relação.

Sabia que era uma monstruosidade, mas era o que restava ao oblíquo garoto.

Aquela situação criminosa se manteve por algumas semanas. O garoto oblíquo entrava em constantes crises de consciência e terminava com as chantagens, e pedia dez mil desculpas. Mas, depois, não se agüentava sem o garoto inocente e começava tudo de novo.

Nessa fase, ele perdeu quase tudo o que tinha de real valor em sua vida: sua dignidade, os amigos, e a admiração do garoto inocente.

Desde que se apaixonara, as pessoas começaram a comentar que o garoto oblíquo havia começado a agir de um modo diferente. Muitos achavam que ele não ia dar certo como o irmão mais velho, que já estava na faculdade. O garoto oblíquo estava no último ano do ensino médio e não se dedicava mais como antes aos estudos. Ninguém sabia a razão, mas todos viam as conseqüências.

Mas o garoto oblíquo soube sempre segurar essa barra, a de corresponder às expectativas do sistema. Ele conseguiria manter sua relação com o resto do mundo, só com a pessoa que amava que não. Havia estragado tudo.

Mas o resto do mundo nunca lhe importou. O que estava fazendo? Como podia fazer sofrer a pessoa que mais amava? Entendeu que havia perdido, e que devia aceitar a derrota. Deixou, por fim, o garoto inocente em paz. Agarrou-se à esperança de encontrar uma outra pessoa algum dia na vida que viria pela frente. Já tinha chegado ao fundo do poço, ao limite da sua maldade. Agora, cavalgava para sair de lá.

Uma colega comentou perto dele o quanto achava um garoto do colégio bonito. Ele começou a observar o tal garoto e viu que ela estava absolutamente certa. Era um garoto extremamente belo. Um garoto intangível.

Foi nessa beleza intangível que o garoto oblíquo buscou forças para continuar vivendo, mesmo tendo de enfrentar a dor de um coração quebrado e o peso da expiação da sua maldade.

Mas aquele belo garoto que lhe servia de alívio era intangível. Era apenas para ser observado. Antes de terminar o ensino médio, o garoto oblíquo só conseguiu conversar uma ou duas vezes com ele, e mesmo assim apenas superficialmente.

Mas aí veio a faculdade e tudo mudou. Lá não havia tantos garotos bonitos como no colégio. Que triste para o garoto oblíquo. Mas ele não se abateu. A universidade ficava em uma cidade onde havia até mais garotos bonitos do que a anterior. Só era preciso viver menos academicamente pra fazer daquela cidade um pequeno harém de contemplação.

Não demorou muito a acontecer. O primeiro foi um garoto estupidamente belo. Estupidamente. Era uma perfeição que até dava medo de chegar perto. Possuía exatamente tudo que podia encantar a obliquidade do seu admirador.

O garoto oblíquo o encontrou pela primeira vez em uma padaria. Paixão imediata. Pensou numa maneira de se aproximar dele ali mesmo. Era um bom dia, grande obra do acaso. E tanto fez que conseguiu se aproximar do garoto perfeito. E foi uma aproximação como sempre desejara. Era o início de uma grande época para o garoto oblíquo.

Ele não conseguiu manter o contato com o garoto perfeito, só se viram mais uma ou duas vezes, mas a nova fase havia sido iniciada. Certo dia, ao desbravar caminhos mágicos daquela cidade-harém, o garoto oblíquo viu um garoto muito interessante. Foi falar com ele. Era receptivo, e tinha dois irmãos também muito bonitos. O garoto oblíquo conquistou certo grau de proximidade com eles, principalmente o receptivo, mas logo o encanto caiu numa rotina.

Mas numa rua muito próxima à do garoto receptivo, o garoto oblíquo encontrou outro garoto que mexeu profundamente com seus desejos. Era um garoto simples, de bom coração, um garoto de ouro. Também muito carente, muito privado do mundo. Parecia gostar do contato com o garoto oblíquo.

No dias ruins, você sabe, aqueles em que a depressão bate, a única coisa capaz de trazer paz para o garoto oblíquo, era o garoto de ouro. Mas não ache que eles tiveram uma relação. Não tiveram. Nem perto disso. Os pais do garoto de ouro pareciam muito liberais, mas era só fachada, era fácil notar que davam muita pouca liberdade ao filho.

O garoto receptivo e o garoto de ouro foram apenas inspiração para o garoto oblíquo. Nunca houve nada entre eles. Eram apenas sua metáfora preferida. As mais belas jóias do tesouro oblíquo que o garoto não menos oblíquo vinha juntando naquela cidade-harém.

Mas o garoto oblíquo precisava de mais, entende? Precisava de contato físico, de carinho de verdade, e, principalmente, de um sentimento correspondido. Então, ele decidiu deixar um pouco o harém de contemplações e foi viajar. Lá, garoto oblíquo foi levado por um amigo a um lugar onde poderia conhecer muito garotos, mas acabou sendo onde a sua ferida maior ficou mais exposta. Com os garotos que a sua obliquidade aceitava, ele só conseguia relações platônicas. Já os garotos com os quais ele conseguiria relações mais profundas a sua obliquidade rejeitava.

Lá, naquela boate, o garoto oblíquo resolveu dar uma chance para um dos rejeitados por sua obliquidade. Ele refletiu muito consigo mesmo e chegou à conclusão de que se não tentasse, de que se deixasse sua obliquidade falar mais alto, seria sempre triste e solitário.

Então, ele tentou. E foi terrível. Foi desastroso. Nada do que fez foi desejado por seu corpo. Os beijos eram desagradáveis. Os toques eram repugnantes. Definitivamente, a obliquidade era o que mais importava, e devia ser respeitada. Pelo menos, ele aprendera a lição! Jamais se forçaria novamente a alguma relação íntima que não desejasse verdadeiramente.

O garoto oblíquo decidiu viajar para mais longe. Tudo foi muito análogo, também com um amigo muito bacana, mas dessa vez, enquanto ia para a noite, o garoto oblíquo tentou dominar suas expectativas. Tinha-as, mas não queria que fossem longe demais. Precisava encontrar uma

interseção entre sua obliquidade e o restrito espaço de busca. E só poderia encontrar tentando. E tentaria até o fim.

Tudo estava muito normal, até o garoto oblíquo se deparar, naquela noite, com um dos garotos mais bonitos que já havia visto em sua vida. Completamente aceito por sua obliquidade. Completamente. Era o garoto mais completo, mas que também era impossível de alcançar. O garoto completo já estava acompanhado.

É sempre assim. Anjos não existem. Quando existem, são proibidos. Quando são permitidos, já estão acompanhados.

Mas não havia novidade nenhuma aí. Já sabia lidar com os esbarrões em garotos bonitos e inacessíveis da vida. O garoto oblíquo pensou muita coisa naquela noite. Sim, muita coisa, e enquanto contemplava silenciosamente o garoto completo e seu namorado, teve ímpetos de ir falar com ele, mas se conteve.

A noite estava acabando. A boate fechando. Todo mundo indo embora. E o acaso cruel colocou o garoto completo novamente frente a frente com o garoto oblíquo, do lado de fora da boate. E, dessa vez, desacompanhado.

O garoto oblíquo, então, procurou uma carta na manga da sua obliquidade, encontrou coragem em si, caminhou até o garoto completo, e disse:

- Você é muito lindo, cara!

Apenas isso. Toda uma vida de retração liberada ali, naquela frase. Pela primeira vez em muito tempo, expunha seus sentimentos claramente e conseguia expor seu mundo interior ao mundo exterior. Foi apenas uma frase. O garoto completo, surpreso, agradeceu o elogio, mas isso já nem importava mais. O garoto oblíquo saía dali contente consigo mesmo. Carregava alguns flyers na mão, mas os jogou para cima de tanta explosão emocional.

Bem, esse era para ser o clímax maior dessa narrativa mal-feita. Eu sei que você devia estar esperando que o garoto oblíquo encontrasse

alguém que casasse com sua obliquidade e com quem fosse possível uma relação, um namoro, uma paquera. Um final feliz. Mas nem foi feliz, e muito menos foi o final. Foi só a libertação para toda a vida que ainda viria adiante.

O verdadeiro enredo é o que vem depois. O garoto oblíquo continuou tentando, e tentando, e tentando, e cada vez mais aprendendo a lapidar sua busca, a aguçar o seu olhar.

Pois tente, garoto, até à morte. Você é incrível assim, oblíquo. Vá em frente, e boa sorte.